VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

Primeiras aproximações sobre a questão do humor: por que rir na escola?.

Pereira Dos Reis, Mariana y Barone, Leda Maria Codeco.

Cita:

Pereira Dos Reis, Mariana y Barone, Leda Maria Codeco (2015). *Primeiras aproximações sobre a questão do humor: por que rir na escola?. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-015/469

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/epma/q81

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES SOBRE A QUESTÃO DO HUMOR: POR QUE RIR NA ESCOLA?

Pereira Dos Reis, Mariana; Barone, Leda Maria Codeco
Centro Universitário FIEO. Brasil

RESUMEN
O objetivo deste trabalho é apresentar como surgiu o interesse em estudar o tema humor na escola e quais foram as primeiras aproximações realizadas até o presente momento, buscando-se, deste modo, um diálogo que possa ajudar na elaboração de um ensaio. O estudo com crianças de uma escola estadual em São Paulo foi de suma importância, pois, a partir da projeção de um filme de Chaplin (O garoto), verificou-se o imenso prazer que ele provocou, além de seu caráter terapêutico e humanizador. Os estudos de Freud sobre os chistes e o humor foram o ponto de partida para se entender o fenômeno do humor, bem como alguns autores que se debruçaram sobre o tema, como os psicanalistas Daniel Kupermann, Abraão Slavutzky e Renato Mezan. Na tentativa de aproximar o tema da escola, buscou-se compreender o sentido do humor na infância e suas manifestações na escola, através de uma rememoração de experiências profissionais em instituições de ensino.

Palabras clave
Humor, Escola, Psicanálise

ABSTRACT
EARLY STUDIES ABOUT THE "HUMOR" ISSUE: WHY LAUGHING IN SCHOOL?
The objective of this paper is to present how did the interest in studying the humor theme in school and what were the first approaches made so far, seeking to thus a dialogue that can help in developing a test. The study of children from a public school in São Paulo was of paramount importance because, from the projection of a Chaplin film (The boy), there was an immense pleasure it caused, as well as its therapeutic and humanizing character. The studies of Freud's jokes and humor were the starting point for understanding the phenomenon of humor, and some authors who have studied the subject, as psychoanalysts Kupermann Daniel Abraham Slavutzky and Renato Mezan. In an attempt to approach the school theme, he sought to understand the sense of humor in childhood and its manifestations in school, through a recollection of professional experiences in educational institutions.

Key words
Humor, School, Psychoanalysis

O humor nos permite ver, através do que parece racional, o irracional. Reforça nosso instinto de conservação e preserva nossa saúde de espírito. Graças ao humor, as vicissitudes da existência tornam-se mais suportáveis; desenvolve nosso senso das proporções e nos revela que o absurdo ronda sempre em torno da exagerada gravidade."
Charlie Chaplin

O tema "humor na escola" surgiu para mim no decorrer da elaboração de minha dissertação de mestrado, quando analisava o processo de humanização e os efeitos terapêuticos de uma experiência com o filme "O garoto", de Charlie Chaplin, vivenciada por alunos do segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em São Paulo. No filme em questão, Chaplin mostra a delicadeza da trajetória de uma relação afetiva nascida do abandono de um recém-nascido e seu encontro com um vagabundo, Carlito, que o cria de maneira precária, porém amorosa, mesclando a comédia sentimental e a sátira social, colocando amor, tristeza e ternura em uma mesma obra.
A referida pesquisa com o filme de Chaplin consistiu em projetar o filme e solicitar algumas tarefas aos alunos para posterior análise qualitativa, sob a ótica da psicanálise, que foi o referencial teórico do trabalho. Assim, as crianças foram convidadas a falar, desenhar e escrever o que acharam e o que sentiram ao ver o filme. Tudo foi devidamente anotado e organizado para a discussão e interpretação dos resultados.
Embora não fosse o foco da pesquisa, o riso provocado pelo personagem Carlito, o prazer suscitado pela experiência com o cinema cômico de Chaplin, o sentimento compartilhado com os colegas, tudo isso me chamou a atenção e descobri que o humor além de fazer rir, pode renovar a esperança, mitigar o sofrimento, aproximar pessoas, gerar reflexões, enfim, pode promover bem-estar psíquico e ajudar a viver, mas, aparentemente, é pouco valorizado na escola. A experiência relatada tocou os alunos de uma maneira especial, possibilitando um despertar para si e para a realidade, pois a mesma mobilizou muitos saberes nas crianças pesquisadas, saberes estes que extrapolam a concepção de conhecimento do aparato cognitivo, vislumbrando uma dose expressiva de saberes existenciais, promovendo a humanização dos alunos na pluralidade de aspectos em que isso é possível, seja por possibilitar emocionarem-se pela história, projetando-se e identificando-se aos personagens, seja por poderem compreender melhor as ambivalências e complexidades humanas e do mundo em que vivem, ou por poderem simplesmente rir, obtendo um importante ganho de prazer e, talvez, alívio emocional. Mas o que teria feito as crianças rirem e se emocionarem tanto?
Carlito, como sabemos, é um personagem forte, engraçado e sensível, fruto da mente genial de Chaplin. Como todo palhaço, é debochado, cínico, malicioso e fora do padrão, mas tem o poder de nos seduzir, através das palhaçadas que faz, do seu senso de justiça e amorosidade e por nos fazer perceber o ridículo e o patético que

habita em nós.

A grandeza da obra de Chaplin pode também ser observada pelo efeito terapêutico proporcionado, tanto para ele, que teve uma infância difícil, atravessou as Grandes Guerras e foi perseguido por suas posições políticas de esquerda, como para seus espectadores, muitos deles imersos em experiências traumáticas relacionadas à guerra e à recessão econômica, contribuindo, desta maneira, para o resgate das forças de vida dessas pessoas, dando-lhes entretenimento, prazer e alívio em momentos de muito sofrimento.

Corroborando com a ideia terapêutica do humor, em 2008, em uma resenha do livro *Chaplin: A life*, o crítico literário Martin Sieff escreveu: "Chaplin não foi apenas grande, ele foi gigantesco. Em 1915, estourou em um mundo dilacerado pela guerra, trazendo no dom de sua comédia, risos e alívio, enquanto ele mesmo sofria com a Primeira Guerra Mundial. Nos 25 anos seguintes, com a Grande Depressão e a ascensão de Hitler, permaneceu no ofício. Ele foi maior, em seu tempo, que Al Jolson, Frank Sinatra ou Os Beatles foram a suas épocas. É impossível que qualquer indivíduo já tenha dado mais entretenimento, prazer e alívio para tantos seres humanos e quando eles mais precisavam, do que ele deu." (tradução do autor)

Na visão de Slavutzky (2014), o Vagabundo, de" Chaplin, especialmente no filme escolhido para esta pesquisa, foi um herói amado como o salvador dos fracos, cuja essência era ser sempre solidário e justo, nunca perdendo a esperança e fazendo sonhar uma quantidade enorme de pessoas. O público, órfão da trágica Primeira Guerra Mundial, viveu identificações com o menino órfão do filme, envolvendo-se profundamente com a narrativa, assim como eu, tantos anos mais tarde, pude observar com os alunos pesquisados. Assim, acredito que também eles puderam usufruir da capacidade criadora de Chaplin, que com humor e sensibilidade soube captar o sofrimento daquela sociedade, mas também o sofrimento humano universal que advém do desamparo, pois "o milagre de um grande romance, como de um grande filme, é revelar a universalidade da condição humana, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço. " (Morin, 2003, p.44)

Em 1905, Freud publicou o livro "Os chistes e sua relação com o inconsciente", no qual tentava desvendar o que torna uma piada risível e o que é o riso para a economia psíquica. Para ele, o chiste seria uma espécie de válvula de escape de nosso inconsciente que o utiliza para dizer, em tom de brincadeira, aquilo que verdadeiramente pensa, pois numa brincadeira pode-se até dizer a verdade, evitando-se o peso da linguagem direta. Este seria, segundo Jones (1989), o menos lido dos livros de Freud, pois nem o próprio autor teria lhe dado muito valor, tendo ficado intocado nas edições que se seguiram, contrariando um costume freudiano de incorporar inúmeros acréscimos, notas e correções nas réplicas de suas obras.

No entanto, apesar da dificuldade de se compreender adequadamente o que Freud tentou explicar no livro dos chistes, não podemos esquecer que seu interesse por piadas sempre foi grande, a ponto de colecioná-las, especialmente as piadas de judeus, mas foi no contexto da investigação sobre os sonhos que se acentuou seu interesse pelo tema. Mezan (2005) nos conta que em sua autobiografia, Freud relata o comentário de seu amigo Fliess sobre o caráter jocoso de suas interpretações dos sonhos e defende-se dizendo que não é a interpretação, mas o próprio sonho que é *witzig* (espirituoso), pois estaria sob pressão e o caminho direto de expressão estaria barrado para ele. Isso o teria motivado sua investigação sobre as piadas e sua relação com os processos inconscientes. Ao fazer uma releitura sobre o livro das piadas, Mezan (2005) defende essa relação entre a teoria do sonho e dos chistes e completa dizendo que Freud não foi capaz de aproveitar alguns *insights*. Contudo, afirma ter havido um considerável avanço na compreensão do pensamento infantil, a partir do prazer obtido com os jogos de palavras e nas passagens que fala do desamparo da criança, a propósito do cômico, no último capítulo.

Por outro lado, Freud, no final do livro sobre os chistes, de 1905, escreveu que na infância não se tinha notícia do cômico, da piada e não fazia falta o humor para as crianças se sentirem felizes. Maria Rita Kehl, em seu ensaio "Humor na infância", critica a idealização da infância feita por Freud naquele texto, pois: "o humor capaz de aliviar nossas penas e diminuir o impacto de nossos fracassos seria tão necessário na infância quanto em outros períodos da vida. O que não nos poupa de tentar entender a especificidade do humor infantil. " (Kehl, 2005, p. 55).

A palhaçada, segundo Kehl (2005), é motivo de muitas gargalhadas para as crianças que veem naquele adulto travestido de palhaço, a reprodução de muitas humilhações a que estão sujeitas pela castração, permitindo a expressão, sem culpa, da crueldade infantil. Também pode representar a vingança dos pequenos ou marginalizados, como na cena do filme "O garoto" em que Carlito entra numa briga de rua para defender seu protegido e provoca muitos risos ao esquivar-se do grandalhão briguento. Com certeza, esta foi a cena mais hilária para as crianças, que incluiu também a repetição de gestos e a rigidez corporal do personagem, aspectos estes que revelariam uma certa disfunção do corpo e sua comicidade.

"O enorme prazer com que as crianças riem do ridículo que se revela na rigidez e no automatismo corporais talvez se explique porque este é justamente o aspecto da vida adulta que elas estão tentando, a muito custo, assimilar. " (Kahl, 2005, p. 57)

Em sua clássica análise sobre o riso e o humor, Bergson, (1993), que foi fonte inspiradora para os escritos de Freud sobre o tema, escreveu que rimos cada vez que uma pessoa nos dá a impressão de ser uma coisa, como marionetes, com seus movimentos bruscos e carentes de flexibilidade.

Mezan (2005) ainda acrescenta como contribuição da obra de Freud sobre os chistes, a descrição dos sentimentos de hostilidade que ocupam lugar de destaque na formação do *witz,* pois Freud traz descrições precisas do funcionamento das pulsões agressivas. Para Rod Martín, segundo Slavutzky (2014), o início do humor se daria por volta dos 18 meses de idade, quando já há representação mental dos objetos, bem como palavras ou gestos para significá-los, como demonstrou o próprio Freud ao relatar uma observação com seu neto Ernest, com um ano e meio de idade, que criou um jogo bem-humorado com um carretel, fazendo desaparecer o objeto e depois o fazendo reaparecer, simbolizando as idas e vindas de sua mãe. O jogo teria transformado sua vida, pois passou a dominar o desaparecimento de sua mãe, apaziguando seu sofrimento. No jogo, o menino emitia sons que representavam palavras para designar o que estava acontecendo. Portanto, o nascimento da linguagem relaciona-se com o nascimento do humor infantil que seguirá evoluindo por etapas, na medida em que cresce a capacidade simbólica da criança. Antes, porém, já existe o riso do bebê, que revela sua necessidade de brincar, tão importante para seu desenvolvimento, pois é no brincar, na criação artística ou científica, e no humor que a realidade psíquica encontra um caminho para se adaptar à realidade e diminuir o sofrimento, que é intrínseco à própria existência.

Finalmente, em 1927, Freud escreve um pequeno texto intitulado "O Humor", vinte e dois anos após ter escrito o livro sobre os chistes, ampliando o entendimento sobre o tema. O humor possui, segundo Freud, "qualquer coisa de grandeza e elevação" (1927, p. 190), que faltam ao chiste e ao cômico: o Eu se recusa a sofrer as

provocações impostas pela realidade. Significa a vitória do Eu sobre o mundo externo e a vitória do princípio do prazer. O caráter rebelde do humor se opõe à resignação masoquista do sujeito diante do real e aos imperativos sociais. No entanto, para Freud, "trata-se de um dom precioso e raro" (1927, p. 194), pois são humoristas apenas aquelas pessoas que conseguem captar os conflitos humanos, suas dores e sofrimentos, as contradições de suas condutas, revelando nossas imperfeições e limitações, formulando ditos espirituosos e fazendo-nos rir de nós mesmos.

Para ter senso de humor, segundo Slavutzky (2014), é necessário entre tantas coisas: diminuir a onipotência; ter uma capacidade intelectual e psicológica diferencial de ver em si, em primeiro lugar, o seu lado cômico e desativar, ao menos em parte, a força da pulsão de morte, diminuindo ressentimentos, amarguras e perdoando seus fracassos, mantendo a autoestima sem tanta dramatização. No humor, não é necessária uma outra pessoa como alvo, como ocorre nos chistes. O autor da piada é também seu alvo. No entanto, quando o humor é compartilhado pelo humorista, sente-se o mesmo prazer que ele, que é da ordem da sublimação.

Para Kupermann (2005), a análise metapsicológica do humor seria o caminho para se compreender o processo de criação sublimatória e sua proximidade com o campo da criação estética. O autor acredita que a incompreensão da problemática do humor pelo campo psicanalítico é proporcional à fragilidade teórica encontrada em relação à sublimação. Esta, por sua vez, ainda é compreendida, predominantemente, como o processo através do qual as pulsões sexuais substituíram seu alvo original por outro, dessexualizado, mais adequado às exigências civilizatórias, representado sobretudo pelas atividades artísticas e científicas. Por esta ótica, apenas com a renúncia pulsional de cada um a ordem civilizatória poderia se erguer. Entretanto, uma outra visão de sublimação é concebida como uma saída criativa do aparelho psíquico na qual haveria uma mudança no objeto da satisfação pulsional, não havendo dessexualização do objetivo das pulsões, mas a criação de objetos para satisfação erótica do sujeito que pudessem ser, ao mesmo tempo, partilhados culturalmente. Em outras palavras, assim como o brincar infantil e as atividades artísticas e científicas, o humor é uma atividade intensamente revestida de afeto e libidinizada por quem dele dispõe.

Refletindo sobre minhas experiências profissionais, concluí haver poucos momentos de humor na escola (entendido aqui em seu sentido amplo, talvez pela natureza formal e solene associada ao ambiente escolar, em que pese sua importância para o desenvolvimento mental e para as habilidades sociais. Observei que o humor é mais presente na educação infantil, através das atividades lúdicas, e no ensino médio ou em cursos pré-vestibulares, onde o humor é usado pelos professores como estratégia de motivação, relaxamento e auxílio para a memória. Nos demais anos do ensino fundamental, observei algumas práticas com gêneros textuais humorísticos, como as piadas, histórias em quadrinhos, tirinhas e charges, sempre com objetivos didáticos definidos, como coerência textual e análise de discurso.

O humor na escola, por outro lado, apresenta um viés negativo, associado ao politicamente incorreto, ao *bullying,* à violência e ao enfrentamento às regras estabelecidas. Fazer piada com os colegas, inventar apelidos não autorizados, rir das diferenças ou das autoridades, hoje são práticas condenadas pelas escolas, antes mesmo de serem discutidas com os alunos. Isso talvez se deva ao mundo em que vivemos onde as pessoas se afastaram da noção de respeito e também da capacidade de rirem de si mesmas, preferindo agredir o outro como meio de encobrir suas próprias fragilidades.

Todavia, o humor pode ser uma maneira criativa de fazer denúncias, pois é transgressor, ousado e rebelde, útil na vida em sociedade, especialmente naquelas em que há um maior cerceamento das liberdades individuais. Nesse sentido, interessei-me pelas recentes discussões advindas do fatídico e trágico ataque de terroristas a um jornal parisiense que usava o humor como forma de expressão, não poupando em suas charges figuras importantes da sociedade e nem personalidades religiosas. Para o psicanalista Abrão Slavutzky (2014, p. 29), "o humor tem uma ética que elimina toda forma de hierarquia, seja ela econômica, política ou religiosa". Por outro lado, o humor, que muitas vezes pode ser um remédio e curar feridas narcísicas, pelo seu caráter terapêutico, pode também ferir profundamente, pois o humor não é neutro, é sempre fruto de pulsões eróticas e agressivas que quando dirigidas a alguém que se sente inferior, pode resultar em mais agressividade, devido ao sentimento de humilhação experimentado pela vítima, alvo da manifestação humorística.

O humor se liga ao desconhecido, ao inconsciente e cada povo tem seu humor característico, que integra sua própria identidade. Para entender uma piada - Freud resgata isto de Bergson (1993) - é preciso ser da paróquia. Neste caso, autor e alvo da piada se misturam, servindo mais para reforçar os laços culturais do que para agredir alguém. Não foi o que vimos no caso da charge ridicularizando o profeta Maomé e o consequente ataque terrorista acima mencionado, quando o choque de culturas e a intolerância motivaram a brutalidade das ações.

O humor, afinal, põe tudo em discussão, inclusive temas tabus, como os preceitos religiosos, a sexualidade, a morte e tantos outros, manifestando-se em forma de ironia, sarcasmo, piadas de duplo sentido, humor negro etc., mas se faz necessário uma reflexão sobre seus limites e a escola pode ser um lugar privilegiado para tal discussão, bem como para as experiências positivas com o humor, que aproxima, humaniza e cura pessoas, como a vivenciada em minha pesquisa, com o filme de Chaplin. "Ora, o humor exerce um papel semelhante ao da poesia quanto a dar possibilidades de extravasar o interior de nossa alma" (Slavutzky, 2015, p.113). Além disso, o meio ambiente, seja escola ou família, tem papel importante para o desenvolvimento do sentido do humor, que nada mais é do que uma ferramenta psíquica que nos ajuda a viver, aliviando o peso da existência e nos divertindo

REFERÊNCIAS

Bergson, H. (1993).O riso: Ensaio sobre o significado do cômico. Lisboa: Guimarães Editores.

Freud, S. (1969).Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905]. In: ___. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. VIII.

Freud, S. (1969). O humor [1927]. In: ___. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI.

Jones, E. (1989). A vida e a obra de Sigmund Freud. Rio de janeiro: Imago, tomo II, capítulo 1, p.27

Kehl, M.R.(2005). Humor na infância. In: A. Slavutzky e D. Kupermann (org.). Seria trágico se não fosse cômico. Rio de janeiro: Civilização brasileira.

Kupermann, D. (2005). Perder a vida, mas não a piada. In: A. Slavutzky e D. Kupermann (orgs.). Seria trágico se não fosse cômico. Rio de janeiro: Civilização brasileira.

Kupermann, D. (2003). Ousar rir. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Mezan, R. (2005). A ilha dos tesouros - relendo A piada e sua relação com o inconsciente. In: A. Slavutzky e D. Kupermann (orgs.). Seria trágico se não fosse cômico. Rio de janeiro: Civilização brasileira.

Morin, E. (2003). A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Slavutzky, A. (2014). Humor é coisa séria. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.

Weissman, S. “BOOKS: Chaplin lifted weary world’s spirits”, The Washingnton Times, 21 de dezembro de 2008. Página visitada em 16/10/2013.